

**LILI ALEJANDRA
[ROSENZWEIG]
GEORGESCU ANGEL¹**

(Czernowitz, Romênia, 1921; S. Paulo, Brasil, 2014)



Lili Alejandra Georgescu Angel, S. Paulo, 2010.

Fotógrafo não identificado.

Acervo: Lili Georgescu/SP; Arqshoah-Leer/USP.

1 Entrevista concedida por Lili Alejandra Georgescu Angel a Rachel Mizrahi, publicada no livro *Lembranças... presente do passado* (1996, p. 52 et seq.) com informações completadas pelo filho Daniel Angel em 2016. Iconografia: Nanci Souza e Samara Konno. Pesquisas: Maria Luiza Tucci Carneiro e Blima Lorber. Transcrição: Maria Luiza Tucci Carneiro.

Minhas raízes romeno-judaicas

Nasci em 20 de fevereiro de 1921, em Czernowitz, na região histórica de Bukovina,^A na Romênia, e que hoje faz parte da atual Ucrânia. Como aquela região havia pertencido ao Império Austro-Húngaro, minha língua materna foi o alemão. Meus pais chamavam-se Vitor Rosenzweig e Neta Gottesman. Minha avó materna era Neta Schifter e meu avô paterno Victor Georgescu. Não me recordo do nome dos demais. Quando eu tinha apenas 2 anos de idade, meus pais se separaram.



Czernowitz, hoje Ucrânia, cidade natal de Lili Alejandra [Rosenzweig] Georgescu.
Google Maps.

Assim, passei a minha infância ora na casa de um, ora na casa de outro. Ambos casaram-se novamente, e meu padrasto, Dr. Herz Schifter, era advogado e falava russo. Apesar de ser um homem muito severo, o Dr. Herz Schifter cuidou com esmero de minha educação. Na cidade, ocorreu um grande desenvolvimento cultural e econômico, tanto assim que os judeus incentivaram o uso do idioma alemão e promoveram a cultura para conseguir alcançar um lugar na

A- Czernowitz foi capital da província de Bukovina, Império Austro-Húngaro, próxima das margens do Rio Pruth, um afluente do Danúbio, no norte da região histórica de Bukovina, que atualmente está dividida entre Romênia e Ucrânia. Diferentes grafias para um mesmo nome em diferentes épocas de ocupação: Cernauti (romeno) Chernovtsi (russo), Cernovic (húngaro), Czernowitz (alemão), Chernovtsi (russo e ucraniano). Fica cerca de 150 milhas de Lemberg. Quando os austríacos tomaram posse do país em 1775, milhares de judeus ocupavam a região, sendo a sua maioria de origem polaca e romena, ali estabelecidos provavelmente desde o século XV, quando se formou uma parte da Moldávia. Entre 1769 e 1774, a região ficou sob a ocupação da Rússia e Czernowitz aparece identificada como “aldeia” nos documentos oficiais de 1775. Em 1816, tinha uma população total de 4.516 pessoas. Em 1848, após ter sido designada como capital da nova província de Bukovina do Império Austro-Húngaro, Czernowitz desfrutou por várias décadas de grande crescimento econômico e político estimulado pela emancipação dos judeus completada após 1867. Em 1850, a população judaica aumentou de 4.678 (sobre um total de 20.467 não judeus) para 14.440 (sobre um total de 45.600) em 1880 e 28.610 (sobre um total de 87.235) em 1910. Aumentou também em 90% a proporção de empresários judeus em 1900. Nessa época, a população total da região era de 67.622, dos quais quase 22 mil eram judeus.

sociedade. Podíamos estudar nas tradicionais escolas judaicas (como o Talmud Torá e *cheders*) e nas escolas públicas, onde aprendíamos alemão e líamos muito os autores da literatura austríaca. Na comunidade falava-se também o iídiche*.^A

Minha família era judia, mas não religiosa, ainda que existissem muitos ortodoxos na comunidade de Czernowitz.^B A presença judaica na minha cidade vinha de muito séculos, creio que desde o século XV. Uma grande sinagoga sefardi marcava presença na cidade.^C

Eu tinha uma grande inclinação para a música e, aos 10



Sinagoga de Czernowitz, 1909. Cartão-postal.

Fotógrafo não identificado.

Disponível em: <<http://sefarad-asturias.org/wp/?p=996>>.

Acesso em: 30 jul. 2017.

anos, comecei a estudar piano e, mais tarde, canto. Por um período, meu pai, que era empresário de artistas de teatro, me dava a oportunidade de assistir a grandes espetáculos. Quanto terminei o curso médio, comecei a fazer tricô com minha mãe para vendermos a uma fábrica, ajudando assim nas despesas da casa. Isso até surgir uma oportunidade para trabalhar como secretária numa lotérica, após ter passado num concurso do Estado.

A- Em Czernowitz, no ano de 1808, criaram-se um instituto alemão e, em 1855, uma escola bilingue de alemão e hebraico. Em 1850, surgiu a Câmara de Indústria e Comércio, sendo os judeus a maioria dos parlamentares; outros eram proprietários de terras, granjeiros, funcionários públicos, literatos e profissionais liberais, atuando também nas redações das casas editoriais. A cidade tornou-se o lugar de nascimento do hassidismo, o epicentro do misticismo judeu europeu, a capital do Idischkait e a casa de grandes escritores, como Itzik Manger, Alfred Gong e Moses Rosenkranz Asch. Em 1908, ocorreu a Conferência de Czernowitz, momento em que se fixaram as pautas para o desenvolvimento da língua iídiche como um idioma independente, atraindo para o lugar os conflitos ideológicos entre hebraístas, bundistas, sionistas e iidichistas.

B- A história de Czernowitz é inseparável dos judeus. Na década de 1830, a comunidade judaica de Bukovina esteve dividida entre os judeus ortodoxos, avessos a qualquer tipo de inovação, e os liberais, defensores de mudanças, posturas que comprometiam a convivência pacífica entre eles. Tal situação foi alterada com a atuação do rabino Le Igel, que assumiu a liderança do rabinato em 1854. Durante 40 anos, sob a sua liderança, foram fundadas muitas instituições comunitárias e escolas religiosas supervisionadas pelo Dr. Heinrich Atlas e Mandel Tittinger, à frente da prefeitura de Czernowitz. Em 1879, a Alliance Israélite de Viena foi estabelecida em Czernowitz. Em 1895, Joseph Rosenfeld assumiu o rabinato-chefe, sendo assistido pelos rabinos Benjamin Weiss e Berl Bremer. A comunidade possuía muitas sinagogas, entre as quais a sefaradita. Entre as numerosas sociedades e instituições de caridade, as mais notáveis eram: Jewish Hospital, Kaddisha Hebra, Jüdischer Frauen-Verein, Krankenunterstützungsverein e Talmud Torah. Disponível em: <<http://www.jewishencyclopedia.com/articles/4838-czernowitz>>. Acesso em: 30 jul. 2017.

C- O documento mais antigo que registra a presença de judeus na cidade de Czernowitz data do ano de 1408. Entre os séculos XVI e XVII, aumentou consideravelmente a população judaica na região, onde a maioria



Lili (ao meio) com colegas da escola. Romênia, 1937.
Fotógrafo não identificado.
Acervo: Lili Georgescu/SP; Arqshoah-Leer/USP.

Mudanças em tempos de guerra

Com a guerra entre Alemanha e Rússia em 1940, nossa vida mudou completamente. Os russos entraram na nossa cidade em junho de 1940. Tivemos que dividir nosso apartamento com um casal russo que, apesar de boas pessoas, eram bastante rudes. Passei a ser secretária do governador da Bukovina e, com isso, tive necessidade de aprender russo, o que me foi ensinado intensivamente pelo meu padrasto. Nessa época, milhares de judeus começaram a ser deportados para os campos da Transnístria, momento em que o prefeito da nossa cidade conseguiu salvar milhares de judeus que voltaram para as suas casas.^A

Após a retirada das tropas russas, vendi um rádio que ganhei de presente de um casal russo. Isso nos proporcionou alimentos durante três meses.^B Com a volta dos romenos,

falava o iídiche e se dedicava, principalmente, ao comércio. A *kehilá** era dirigida por um juiz eleito e um rabino que desfrutavam de uma certa autonomia e do direito de ter suas próprias jurisdições. Disponível em: <<http://sefarad-asturias.org/wp/?p=996>>. Acesso em: 30 jul. 2017.

A- Traian Popovici (1892-1946) era o prefeito de Czernowitz e, entre 1941 e 1942, salvou milhares de judeus da deportação e da morte nos campos da Transnístria. Popovici conseguiu permissão para isentar 20 mil judeus da deportação para os campos da Transnístria e aproveitou para emitir muitas outras permissões além dessa cota. Incluiu profissionais cujos ofícios não estavam listados e, pelo menos temporariamente, conseguiu salvá-los da morte. Por seus atos humanitários, Popovici foi desligado do seu cargo na primavera de 1942 e deportado para Bucareste. Após a sua partida, cerca de cinco mil judeus foram deportados à Transnístria onde morreram. Os judeus que permaneceram em Czernowitz sobreviveram. Popovici morreu em 1946. Em 1969, foi reconhecido como um dos *Justos* entre as Nações pelo Yad Vashem durante uma cerimônia em Israel.

B- Em 1940, as tropas soviéticas entraram em Czernowitz, quando estavam a caminho da Polônia para encontrar os alemães. Para a população judia, a ocupação de Czernowitz pela Armada Soviética em junho de 1940 trouxe consigo a perseguição antissemita acompanhada do terror stalinista. A elite burguesa da comunidade local, composta por cerca de três mil pessoas, foi deportada para a Sibéria. Permaneceram na cidade durante um ano até o momento em que o Exército romeno reconquistou a cidade, mas não foi suficiente para cerrar as igrejas e sinagoga da cidade. As frentes romenas e alemãs reocuparam a cidade em 5 de julho de 1941, sob as ordens do governo de Antonescu que se dedicou a perseguir os judeus, acobertado por sua aparente adesão à União Soviética. Na onda dos assassinatos, foi morto o rabino-chefe Abraham Mark e a sinagoga incendiada, acompanhados de medidas repressivas, privando os judeus de seus direitos civis e econômicos.

sendo estes aliados dos alemães e bastante antisemitas, continuou a “caça” aos judeus. No mês de outubro de 1941, foi criado um gueto na cidade no mesmo bairro onde já viviam os judeus. Ali as condições eram insuportáveis e nem todos aguentaram.^A

Depois começaram a levar todos os judeus para os campos de concentração e de extermínio. Muitos pensavam que, tomando logo os trens, conseguiriam melhores casas nos campos, mas estavam enganados. Porém, “meu anjo protetor” começou a atuar, como sempre. Achei que seria melhor ficar em nossa cidade, mas as ordens deveriam ser obedecidas. Já estava para embarcar num vagão, juntamente com meus familiares, quando um coronel veio ao meu encontro, perguntando se eu tinha pressa em viajar. Respondi que preferia ficar. Foi quando aconteceu um milagre: ele chamou um soldado e mandou que nos levassem de volta ao gueto. Obviamente, esse coronel queria algo em troca e passei a ser vista por ele como mal-agradecida, porque não voltei a procurá-lo. Por ser muito esperta, conseguia sair do gueto, tirando a estrela de David, que me identificava como judia.

Em 1943, um casal de amigos de origem judaica convidou-me para ir com eles a Bucareste. A viagem, que normalmente duraria 24 horas, levou dez dias, com muitos problemas. Mais tarde, minha mãe e seu esposo vieram nos encontrar e pudemos nos reunir novamente. Em Bucareste, a vida era melhor, e passei a frequentar concertos e óperas, o que trouxe um pouco de entusiasmo à minha vida. Consegui trabalhar em uma elegante loja de modas, mudando radicalmente minha vida.

A- Em 10 de outubro de 1941, o novo governador militar da Bukovina, o general Cornelius Calotescu, anunciou a criação do gueto de Czernowitz, a deportação de todos os judeus da cidade e o confisco imediato de seus bens. O gueto foi estabelecido na área do bairro judeu, nos arredores da Rua Sahaidachny, com condições de vida muito duras: as residências não podiam comportar mais de dez mil pessoas, mas chegaram a receber 50 mil judeus. Em seu livro, Dr. Popovici descreveu a formação desse gueto como cativeiro: “Avós ajudavam seus filhos, mulheres com bebês nos braços, aleijados arrastando corpos e com os pacotes na mão, malas transportadas em carrinhos ou carroças ou em suas costas, com as bagagens separadas às pressas ... Percebi que estavam para colocar em marcha a roda da sua desgraça. Vesti-me e corri para a prefeitura. No caminho vi mulheres chorando, lamentando-se pelas crianças, as pessoas idosas murmuravam, lágrimas e lágrimas de novo, algumas faces molhadas e outras secas pelo sofrimento, outros escorrendo pelos cabelos grisalhos. Percebo que a cidade estava sofrendo... Um cheiro forte de suor, urina e fezes, mofo e umidade, tomou conta daquele lado da cidade diferenciando-o do restante”.

Novos destinos: Argentina e Brasil

Com o término da guerra, soubemos, por uma testemunha ocular, que meu pai e a esposa haviam sido executados no campo de concentração. Descobrimos também, por meio da Cruz Vermelha, que tínhamos parentes que viviam na Argentina desde 1938. Eles conseguiram vistos de entrada para nós, porém não pudemos viajar. Somente em 1948 fomos para a Itália, onde ficamos por sete meses. Finalmente, embarcamos para Buenos Aires. Aprendi o espanhol com meu padrasto. Por falta de acomodações, separei-me deles que ficaram alojados na casa de Wille, irmão de minha mãe. Eu fui para a casa de uns tios que estavam muito bem de vida e conseguiram um emprego para mim em uma loja de discos, onde fui considerada a melhor vendedora.

Em 1952, meu tio presenteou-me com uma viagem de navio para a Europa, no Augustus. Fiquei sete meses na Itália, e essa viagem foi muito importante, pois mudou a minha vida. No navio conheci Marcos Angel, meu futuro marido. Após o nosso retorno, começamos a nos encontrar e, em três meses, nos casamos. Marcos Angel era um judeu sefardita oriundo de Cavala, [cidade portuária, na Macedônia] e dono de uma fábrica de camisas em Buenos Aires. Não era religioso, embora seu pai tivesse sido presidente da comunidade judaica grega. Tivemos dois filhos: Daniel Raimundo, hoje com 61 anos, e Andrés, ambos nascidos em Buenos Aires (Argentina).

Tempos difíceis nos forçaram a deixar a Argentina e vir para o Brasil (S. Paulo), onde meu marido que tinha um irmão chamado Salo Stavros Angel. Bela Faraggi, irmã de meu pai, morava na cidade e estava retornando para a Grécia. Nessa mesma época, seu filho José foi estudar na Suíça. Assim, o apartamento ficou vazio, e, anos depois, acabamos por comprá-lo.

Adaptei-me rapidamente, pois gosto muito do povo brasileiro. Abrimos uma pequena loja na Avenida São João, na qual vendíamos roupas de bebê, brinquedos e eletrodomésticos. Ali permanecemos até que nossa loja foi assaltada. A partir daí, meu marido passou a ser corretor de imóveis e eu comecei a revender roupas femininas. Com muitas dificuldades conseguimos formar nossos dois filhos. Em 1981, meu marido faleceu.

Sempre fui uma mulher alegre e expansiva. Em S. Paulo, passei a frequentar o Grupo da Idade de Ouro, promovido pelo Clube A Hebraica, coordenado pela professora Rachel

Lili Alejandra [Rosenzweig] Georgescu Angel

Mizrahi, que publicou nossas histórias de vida no livro *Lembranças... presente do passado*, em 1996. Em um concurso de Purim, fui designada para apresentar-me como rainha Esther. Participei também com outras amigas de dois filmes: *O ano em que meus pais saíram de férias*, do diretor Cao Hamburger, de 2006, e *É proibido fumar*, da diretora Anna Muylaret, de 2009, no qual contracenei com a atriz Glória Pires. Em 2010, participei de um outro filme – *A mudança* – dirigido por Sylvia Lohn e David Kullo, hoje *hazan** da sinagoga da Hebraica. Para este filme, em uma das cenas, cheguei a tocar no Teatro Municipal de S. Paulo. A música me enchia de felicidade, inclusive a ópera. Acredito que essa minha musicalidade foi transmitida a Daniel que hoje, como *hobby*, toca piano e flauta, trabalho que complementa com aulas de alemão e inglês. Aliás, Daniel sempre conversou comigo em alemão fluente.



Lili Angel e o filho Daniel, S. Paulo 2004.
Fotógrafo não identificado.
Acervo: Lili Georgescu/SP; Arqshoah-Leer/USP.

In memoriam

Segundo o filho Daniel, que completou o final desta entrevista em agosto de 2016, Lili, apesar de ter vivenciado o período de guerra na Europa, não tinha traumas: era uma pessoa feliz e otimista. Somente em 2014, último ano da sua vida, mudanças ocorreram em seu comportamento por problemas de saúde como artrose e anemia, desejando certo distanciamento social. Não falava nada sobre o que lhe ocorrera no gueto. Mas costumava dizer que, com seu espírito mais alegre, costumava sair do gueto em busca de alimentos para os seus e algumas pessoas que viviam ali. De todos os seus, somente o tio Willi sobreviveu. Lili era filha única.

Daniel recorda-se de que um dia em S. Paulo estavam andando na rua quando encontraram com um jurado do programa de TV de Silvio Santos: ela o abordou, e ele, gentilmente, leu o seu destino pelas linhas da mão. Disse-lhe que iria viver até os 93 anos, o que realmente aconteceu em 2014. Que seja lembrada por sua alegria e felicidade diante da vontade de viver.